



EUROPA

Extremos avançam e fragilizam Merz

Na região alemã de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, a AfD chega à frente, enquanto, em Berlim, o Die Linke aparece em primeiro lugar. Partido do chanceler, a CDU tem o pior desempenho estadual desde o fim da Segunda Guerra Mundial

O avanço simultâneo da ultradireita e da extrema-esquerda nas eleições estaduais realizadas, ontem, na Alemanha, impõe um novo golpe ao chanceler Friedrich Merz que, há duas semanas, viu seu partido sofrer uma derrota severa no pleito da Saxônia-Anhal. Se confirmadas nos próximos dias, as projeções preliminares da votação representam o pior resultado da União Democrata-Cristã (CDU, na sigla em alemão)) desde 1949 em uma disputa regional. Embora tenha reconhecido a derrota, o chefe de governo garantiu que continuará no cargo.

“Foi um desastre”, disse Merz, em um discurso televisionado. “A confiança nas instituições do nosso país está diminuindo e sendo ativamente minada por partidos radicais tanto de esquerda quanto de direita”, acrescentou o chanceler.

Repetindo o desempenho de 15 dias atrás, o partido Alternativa para a Alemanha (AfD), da extrema-direita, ficou em primeiro lugar em Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, com 37% a 38% dos votos, segundo as pesquisas de boca de urna. O Partido Social-Democrata (SPD), de centro-esquerda, obteve cerca de 36%, enquanto a CDU do chanceler amargou 5% no estado do nordeste do país.

Em Berlim, o Die Linke, de extrema-esquerda, aparece em primeiro lugar nas projeções, com 25%, seguido pelo UDC, que alcançou em torno de 20% dos votos. A AfD também avançou na capital e obteve uma votação de dois dígitos, de 16%. Com o novo resultado, a legenda de direita radical se consolida como uma força eleitoral importante em regiões do antigo território da Alemanha Oriental.

Gregor Fischer/AFP



No comitê da União Democrata Cristã, em Schwerin, aliados acompanham o discurso do chefe de governo: “Foi um desastre”

Coalizão

“Os tempos mudam na Alemanha”, comemorou Jan-Phillip Tadsen, deputado da AfD em um bar em Schwerin, capital de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, onde militantes e dirigentes do partido comemoraram os resultados com gritos e abraços. Por sua vez, a dirigente do Die Linke, Elif Erald, afirmou que, em Berlim, “o amor e a justiça venceram o ódio”. Como a capital da Alemanha é, ao mes-

mo tempo, cidade e região, o Parlamento é quem elege o prefeito. Por isso, para alcançar o cargo, não basta um partido chegar em primeiro lugar, mas também precisa formar uma coalizão.

Também é possível que a AfD não assuma o governo estadual em Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, onde saiu vitoriosa ontem. Os demais partidos mantêm o chamado “muro de contenção” — acordo político informal para não formar coalizões com a legenda.

A estratégia, adotada pelas principais forças políticas alemãs, mantém a agremiação de extrema-direita isolada das alianças necessárias para governar.

Pressão

A votação ocorre em um momento de crescente pressão sobre Merz. O chanceler assumiu o governo, no ano passado, com a promessa de recuperar as finanças alemãs, reduzir a burocracia, en-

frentar a imigração irregular e fortalecer as Forças Armadas diante da Rússia. Porém, desde então, enfrenta dificuldades para implementar suas reformas e convive com baixos índices de aprovação. A economia também atravessa um período de crescimento fraco, com desindustrialização e aumento dos custos de energia.

O desgaste político chegou a provocar especulações sobre a permanência de Merz no cargo. Depois da derrota da UDC na Saxô-

A confiança nas instituições do nosso país está diminuindo e sendo ativamente minada por partidos radicais tanto de esquerda quanto de direita”

Friedrich Merz,
chanceler da Alemanha

nia-Anhalt, surgiram apelos dentro do próprio partido para que ele fosse substituído. Até agora, nenhum aliado de alto escalão pediu publicamente sua saída, e o chanceler insiste que continuará à frente do governo e da legenda de centro-direita. “Assumo essa responsabilidade porque quero fazer nosso país avançar”, disse Merz.

O governante também afirmou que as reformas que tenta aprovar sairão do papel. “A Alemanha é capaz de se reformar”, garantiu. “Eu diria até que essas reformas são o antídoto para o veneno do autoritarismo, que está penetrando cada vez mais fundo em nossa sociedade à medida que cresce o fascínio pelo autoritarismo.”

Merz convocou uma reunião do partido para discutir os próximos passos após a derrota. Aparentemente prevendo um período difícil diante das eleições, o chanceler cancelou uma viagem planejada a Nova York, onde participaria da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), que começa amanhã.

Rússia é alvo do maior ataque ucraniano

Nas últimas horas das eleições parlamentares, que, mais uma vez, validaram o partido do presidente Vladimir Putin, a Rússia foi alvo, ontem de madrugada, de uma ofensiva em larga escala com centenas de drones ucranianos. Foi o maior ataque realizado por Kiev contra Moscou desde o início da ofensiva russa na ex-república soviética, em fevereiro de 2022. Mais de 1.600 drones foram interceptados, dos quais 450 seguiram para a capital, segundo o prefeito Sergei Sobyenin.

Segundo o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, os ataques tiveram “um impacto muito importante na região de Moscou”. Nos arredores da capital russa, um drone atingiu um grande edifício residencial e deixou a fachada queimada, com vários andares destruídos. Quatrocentas pessoas foram retiradas do edifício. O ataque também provocou um incêndio em uma refinaria, produzindo uma espessa coluna de fumaça preta. Houve, ao menos, dois mortos.

Outro drone ucraniano atingiu um ônibus na região de Kherson, no sul da Ucrânia, controlada pelos russos, também provocando a morte de duas pessoas, incluindo uma funcionária da Comissão Eleitoral, segundo o organismo.

“O ataque sem precedentes foi claramente planejado com o objetivo de perturbar as eleições. O inimigo não conseguiu”, declarou o

prefeito Sobyenin. O Ministério da Defesa também acusou o governo de Zelensky de querer “perturbar a vontade democrática dos cidadãos russos” e prometeu “intensificar” as ações contra Kiev.

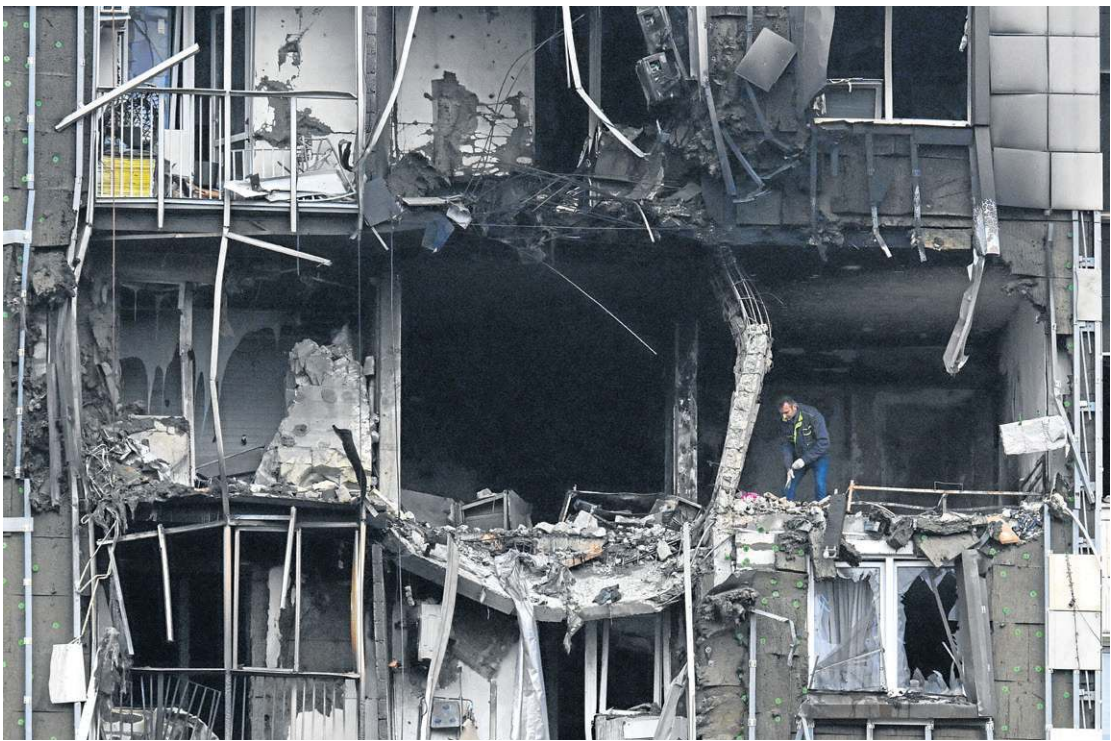
Boca de urna

As investidas ucranianas ocorreram na madrugada do terceiro e último dia das eleições parlamentares, em relação às quais restavam dúvidas sobre a vitória do partido governante Rússia Unida, de Vladimir Putin. Após o fechamento das seções pelo estatal Centro de Pesquisa da Opinião Pública da Rússia (VCIOM), uma pesquisa de boca de urna projetou que o Rússia Unida obteve 49,4% dos votos, seguido do Partido Comunista e da agremiação nacionalista LDPR, com 14,2% e 10,7%, respectivamente.

O Rússia Unida venceu todas as eleições parlamentares desde 2003. Nessas eleições, concorria com outros quatro partidos que apoiam a maioria das políticas de Putin e a ofensiva na Ucrânia. O único partido contrário à guerra, a Yabloko, foi excluído da disputa há poucas semanas pelo Supremo Tribunal.

Essas foram as primeiras eleições legislativas desde o início da invasão militar na Ucrânia, que desencadeou um conflito que, nos últimos meses, tornou-se especialmente presente na vida

AFP



Andar de edifício atingido por um drone em Kotelniki, na região de Moscou: foram 1,6 mil no total

cotidiana dos russos. Em represália aos bombardeios contra suas cidades, a Ucrânia intensificou os ataques contra a Rússia, atingindo locais distantes, como os Urais e a Sibéria, e provocando escassez de combustível com as ações contra refinarias.

Iniciada na sexta-feira, a votação para renovar as 450 cadeiras da Duma, a Câmara Baixa do

Parlamento, se encerrou às 21h de ontem (15h de Brasília). Uma das dúvidas recaía sobre o comparecimento do eleitorado, que passava de 50% por volta do meio do dia, segundo as autoridades. Antes das eleições, Putin conclamou a população a participar por considerar o voto uma demonstração de apoio às tropas russas, assim como uma “resposta conjunta àqueles que

querem enfraquecer a Rússia”.

O aposentado Vitali Ivanov, de 63 anos, disse à agência de notícias France Presse (AFP) que votou “nos comunistas”. “Tenho uma aposentadoria pequena, não ganho o suficiente para viver”, explicou. Outra eleitora, Tatiana, 71, não escondia seu apoio ao Rússia Unida. “É o maior partido, o que mais trabalha e o mais produtivo”, disse.

Divergências

Os adversários políticos de Putin foram, em sua maioria, empurrados para o exílio e seu principal opositor, Alexei Navalny, morreu em uma prisão no Ártico em 2024. Entre os oponentes do Kremlin, houve divergências sobre a estratégia que deveria ser adotada nas eleições.

A viúva de Navalny, Yulia Navalnaya, pediu aos russos contrários à guerra que votassem de forma sincronizada ao meio-dia de ontem, uma tática utilizada nas eleições presidenciais de 2024. Entretanto, o partido Yabloko discordou e argumentou que era melhor optar pela abstenção.

Dezenas de opositores russos se manifestaram em Berlim e Londres, com palavras de ordem como “A Rússia será livre”, “Não à guerra” e “Digam não a Putin”.

A votação também aconteceu de forma eletrônica em quase 30 regiões. Os órgãos eleitorais russos denunciaram que quase mil ciberataques foram registrados contra a infraestrutura de votação. A presidente da Comissão Eleitoral Central, Ella Pamfilova, não apontou um responsável específico, mas disse que os ataques pareciam obra de “grupos altamente profissionais e bem coordenados que utilizam ferramentas de inteligência artificial”.